

A FESTA DO KUARÜP ENTRE OS ÍNDIOS DO ALTO-XINGU *

Yolanda Lhullier dos Santos

Do ponto de vista etnológico, a zona compreendida pelos rios da cabeceira do Xingu, apesar de apresentar um mosaico de tribos provinidas de grupos lingüísticos diversos, se caracteriza por uma relativa homogeneidade cultural. Já Karl von den Steinen insistia, em fins do século passado, no elo comum que ligava tôdas essas tribos. O mesmo aspecto foi notado pelo Capitão Vasconcelos, que, em seu livro "Expedição ao Rio Ronuro", diz: "As populações indígenas, que aí se encontram, vivem na maior intimidade, umas com as outras, e possuem essencialmente, como é natural, os mesmos costumes e tendências. Se é verdade que não falam a mesma língua, entendem-se mütuamente, tanto assim que se visitam assiduamente, mantendo grande convivência entre si, pois suas aldeias são franqueadas, umas às outras, por bons e limpos caminhos, absolutamente desprovidos de qualquer defesa". (Pág. 81). Em nossos dias, alguns estudiosos também chamaram a atenção para o fato de tôdas as tribos, a despeito de sua diversidade, possuírem muitos elementos culturais em comum, devido, em grande parte, à constância e intensidade das relações comerciais intertribais. Na mitologia, grande número de textos, como o da origem do fogo, do aparecimento do dia (sol), da formação dos rios, são comuns a tôdas as tribos da região.

A festa máxima dos índios xinguanos é a do *kuarüp*, a única grande festa religiosa aí realizada, comemoração de tristeza e pesar. Antes do *kuarüp*, fazem a festa do *javari*, que é uma preparação daquela. O *javari* é uma festa levada para o Xingu pelos índios Trumái e mais tarde adotada pelas outras tribos. E' realizada em homenagem ao desaparecimento de um cacique de sangue, e quem a patrocina é sempre um parente do morto, ou pessoa que vivia em sua casa.

Não há época para a realização de um *kuarüp*; entre um e outro, intercala-se às vêzes um período de vários anos.

Os preparativos processam-se com vários dias de antecedência. E' durante êste período que os guerreiros pintam o corpo com urucum (côr vermelha) e carvão resinoso (côr preta). Alguns dêles usam também

*) Agradecemos a Orlando Vilas-Boas as facilidades que nos proporcionou durante a permanência no P. I. Capitão Vasconcelos.

vários enfeites. As lutas (*ruka-ruka*), características das tribos do Xingu, são realizadas todos os dias e servem de treino aos guerreiros que irão lutar no dia de festa, como também de ensinamento para os meninos. O capitão e os guerreiros da tribo fazem as demonstrações.

Os ensaios dos tocadores de flauta (*uruá*) também são feitos com alguns dias de antecedência. As flautas, de uns dois metros de comprimento, têm dois canos, um para o som grave e outro para o agudo. Tomam parte só dois índios, geralmente de tribo vizinha. No *kuarüp* a que assistimos em julho de 1956, quem dava a festa eram os Yaulapití com a cooperação dos Meináko, duas tribos muito ligadas uma à outra por grande número de casamentos.

Os índios que tocam o *uruá* pintam-se cuidadosamente com os motivos ornamentais característicos da pintura corporal, vestindo os apetrechos da festa: braçadeiras, diadema, colares etc. O movimento que fazem é o seguinte: dois índios, um ao lado do outro, começam a tocar. O ritmo é monótono, pois é sempre o mesmo. O compasso é dado pela batida do pé direito, com mais força que o esquerdo. Principiam a andar, sempre batendo com o pé, para marcar o ritmo. Dirigem-se para uma das casas e aí fazem três movimentos, fazendo menção de entrar, mas só entram no terceiro. Dentro da casa, fazem três evoluções, cruzando-se um com o outro, e saem novamente, um atrás do outro (por ser a abertura da casa muito estreita). Quando entram numa das casas, convidam duas moças para segui-los, e se o aceitam, elas os acompanham, seguindo-os uma de cada lado, com o braço direito no ombro do homem, e o outro fazendo um movimento rítmico de encontro ao peito, que serve para marcar o compasso. Pedem, ao entrar em cada casa, ao espírito mau que permaneça afastado, e que dentro da casa reine a alegria. É considerada a única demonstração de alegria feita num ritual xingano. Neste ritual permanecem horas e horas sem descanso. Além da constante batida do pé, é difícil manter levantada a flauta, que é bem pesada.

Outro preparativo muito importante, essencial para a realização da festa, é a pesca do timbó. Partem para o "timbó", como eles dizem, todos os guerreiros da tribo, enquanto as mulheres ficam na aldeia, preparando os beijus, que são feitos em grande quantidade para o dia da festa. Os pescadores levam os apetrechos necessários para uma ausência de três dias ou mais.

Para a pesca do timbó escolhe-se de preferência um lugar em que haja muito peixe. Cortam-se vários paus, que são fincados nágua, formando uma barreira. Depois, batendo com timbó, os índios conseguem empurrar para o local o peixe, que é ali aprisionado. Logo após a pescaria, assam os peixes, sem limpá-los.

A volta dos que foram para a pescaria do timbó é esperada com muita ansiedade; logo após marca-se a data, geralmente para daí a uns

três dias, para haver tempo de se enviarem os mensageiros (*pariá*) às outras tribos e se esperar a chegada destas.

Um grupo de guerreiros parte para o mato a fim de cortar os troncos cerimoniais que ainda faltam, pois alguns já foram cortados anteriormente. Irão servir para os *kuarüp*, nome que se refere à madeira empregada, jatobá ou ipê.

Os *pariá* enviados às outras aldeias partem algumas vêzes acompanhados, outras não, mas vão sempre com seus adereços e apetrechos. Ao chegarem à aldeia que vai ser convidada, o cacique lhes pede que se sentem no terreiro, oferece-lhes piqui e beiju, e recebe o convite. Após uma troca de presentes, os *pariá* voltam e a tribo começa a preparar-se para ir ao local da festa.

Na manhã da festa, pintam os troncos, cerimônia a que as mulheres não podem assistir. Os troncos, cortados e preparados, são da altura de 1,40m, e bem grossos, tendo todos a mesma grossura. A pintura é feita com tinta preta e vermelha. Os ornamentos representam simbolicamente os que são usados no corpo humano. No alto, há um cocar de penas de côr amarela, tendo prêsas seis penas grandes, de diversas côres (azul, amarelo, vermelho e prêto), que representam o cocar usado pelo índio. Logo abaixo, vem uma parte de poucos centímetros de tronco descoberto, a seguir, vem amarrada uma braçadeira (de tiras de algodão pintado de vermelho), que representa a que é usada na parte superior do braço. Mais abaixo, a pintura ornamental (em prêto e vermelho), com os motivos característicos do respectivo sexo. O motivo indica, pois, se o *kuarüp* é de sexo masculino (se morreu um cacique ou alguém importante) ou feminino. Após o desenho que representa o tronco vem uma parte descoberta, e mais abaixo uma jarreteira, seguindo-se por fim a zona correspondente à parte inferior das pernas e aos pés. Assim, cada *kuarüp* representa um indivíduo que morreu e vai ser comemorado na festa. O respectivo *kuarüp* é preparado pela família do morto.

No dia da festa dá-se a tirada do luto. Um índio lava o outro com um pouco d'água, simbolizando que está livre do luto que vinha mantendo por um morto da família. A viúva cujo marido morto deva ser comemorado põe-se a lamentá-lo.

Alguns índios, inclusive mulheres e crianças, fazem escoriações no corpo. Usam, para isto, um pedaço de madeira em que estão inscrutados dentes de peixe; passam-no pelas costas, braços e pernas, em movimentos ao longo do corpo. Depois de as escoriações sangrarem um pouco, passam às vêzes pimenta, para mostrar que resistem bem à dôr, demonstração de sofrimento pelo morto que cultuam na festa. A tarde tôda se passa com os preparativos: tirada do luto, choro, escoriações e pintura do corpo.

Ao entardecer começa o afluxo de mulheres e crianças yaulapití para o terreiro, onde estão plantados os troncos. Até aí as mulheres não participaram da festa, a não ser no preparo do piqui e do beiju.

Os pajés ornamentados vêm com dois maracás, e começam a cantar. Pulam de uma perna para a outra, sempre acompanhando a mesma cantilena. As outras tribos se aproximam dando pequenos gritos. Mandam na frente os *pariá* e os pajés, que tomam assento no terreiro, defronte dos troncos que estão cobertos por um estrado de sapé. Aí a tribo hospedeira lhes oferece charutos (de fumo selvagem) e deixa-os sòzinhos. Assim, cada tribo vem até o terreiro: a dos Auetí, a dos Aurá, a dos Kamayurá e a dos Guikúru.

Cada grupo, formado pelos pajés e *pariá*, fica isolado num canto. Mais tarde aproxima-se a tribo, só os homens, que vêm pintados e com todos os apetrechos: arcos e flechas, carabinas (alguns a têm), cocares, diademas, braçadeiras, uruá e archotes na mão. Pulam e dançam, cantando uma canção guerreira. Fazem algumas evoluções, tendo como centro do círculo o terreiro, onde estão plantados os troncos, e, para finalizar, dirigem-se para o centro, brandindo as armas; dispersam-se logo em seguida, encaminhando-se cada qual para o lugar em que se encontra a sua tribo acampada. Nos acampamentos, a mais ou menos um quilômetro do terreiro, pois não podem aproximar-se mais, estão as mulheres e as crianças das tribos visitantes, que não tomam parte na festa.

O resto da noite, à volta dos troncos, permanece apenas a tribo que dá o *kuarüp*, além dos pajés e *pariá* das tribos visitantes. Aos visitantes servem piqui, peixe e beiju em abundância.

No dia seguinte, quando o sol já está alto, começa o *ruka-ruka*, que é uma luta esportiva, em que tomam parte todos os guerreiros das tribos componentes da festa. Chegam as tribos com os apetrechos (panelas, cestos, rêdes etc.), instalando-se cada qual num canto do terreiro. Na frente senta-se o cacique e atrás dêle as mulheres com as crianças, formando a assistência. A tribo hospedeira espera os visitantes no centro do terreiro. Chegam os guerreiros, que são apresentados pelos caciques. Postam-se em fila, e é feita a chamada dos nomes dos lutadores. Tomam posição, um na frente do outro, limpam as mãos na areia, agacham-se. Um segura a mão direita do outro e, com a esquerda, tenta agarrar-lhe o pescoço. Vencedor é quem consegue fazer com que o adversário tire o joelho da terra; assim, derruba-lo-á facilmente, fazendo-o cair de costas. Gritam muito durante a luta, tanto os lutadores como a assistência.

Verifica-se que lutam por esporte, sem rancores, e até os meninos lutam. Porém a atenção sempre está dirigida para a competição dos caciques de duas tribos, principalmente se estas estão em choque. Antes do sol muito forte, encerra-se a luta e as tribos visitantes preparam-

se para partir. Enquanto isto, se serve mais beiju, peixe e piqui, e os tocadores de flauta das tribos visitantes fazem uma oferenda ao hospedeiro. O piqui oferecido é tirado do fundo do rio, onde há oito meses está depositado.

A festa do *kuarüp* é, como já dissemos, uma comemoração fúnebre. Nela tomam parte ativa somente os homens, pois as mulheres fazem apenas o choro ritual, em que são secundadas por algumas crianças.

O mito em que a festa se baseia dá como local de sua criação a região da praia do Morená, na confluência dos rios Ronuro, Batovi e Culue-ne, que são os formadores do Xingu. Foi aí que *Maivotsin*, o herói mítico, criador do seu povo, plantou na areia da praia doze toros de madeira, sendo seis representativos do sexo feminino e seis do masculino. Em cada tronco pintou os motivos correspondentes: o do sexo feminino (a jibóia) e o do sexo masculino (o peixe), o que servia para diferenciar os troncos que dariam origem ao homem e à mulher.

Maivotsin, o pai das tribos, fez um fogo diante de cada tronco. Entoou um canto, evocando todos os protetores para que dessem vida a esses troncos. Cantou durante a noite toda, desde antes do pôr do sol até de madrugada, mas os troncos não se animaram. Começou a chorar. Aí os peixes saltaram de dentro da água e se regozizaram com a criação. Os peixes e os pássaros fizeram uma grande algazarra. O sol surgiu, e os troncos começaram a movimentar-se. *Maivotsin*, ao ver tal fato, começou a cantar animado. Chegaram as onças (que representam as outras tribos vizinhas) e começaram a lutar com os peixes (que são as pessoas de status social mais baixo da tribo criada).

Interpretação. Com esse mito os índios xinguanos não explicam a criação da espécie humana, mas a de um determinado povo, os *yaulapití*, pois *Maivotsin* é um velho índio *yaulapití*, que existiu há muito tempo. Todas as tribos xinguanas, porém, realizam a festa do *kuarüp*, com exceção dos Trumái.

Feito o *kuarüp*, que tem por ensejo a morte de um chefe influente, acreditam os índios que os espíritos dos mortos são libertados, seguindo para uma aldeia distante que fica no alto (talvez o céu). Assim como o herói cultural cria a dinastia dos chefes, o *kuarüp* liberta o espírito do morto, que vai reviver em outra aldeia. Acreditam que antes de ser feito o *kuarüp*, o espírito do morto estava preso à terra (às árvores, às florestas, aos rios). Só com a realização do ritual, em que o espírito é encarnado na madeira (tronco do *kuarüp*), é ele libertado.

Os toros criados por *Maivotsin* representam indivíduos de alta posição social (como seja um capitão ou cacique). Como os troncos são individuais, o número de pessoas influentes é sempre reduzido. Os índios de status inferior, representados pelos peixes do mito, não possuem *kuarüp*, podendo, no entanto, ser cultuados durante a festa.

De manhã encerra-se a festa, por ter a fôrça dos mortos voltado para os vivos. Então os *kuarüp* são atirados ao rio, permanecendo para sempre no leito profundo das águas.

* * *

BIBLIOGRAFIA

- Karl von den Steinen, *O Brasil Central*. Tradução de Catarina Baratz Canabrava. Brasileira Formato Grande, vol. III, São Paulo, 1942.
- Karl von den Steinen, *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Tradução de Egon Schaden. Departamento de Cultura, São Paulo, 1940.
- Capitão V. da F. Vasconcelos, *Expedição ao Rio Ronuro*. Conselho Nacional de Proteção aos Índios, publicação n.º 90. Rio de Janeiro, 1945.